

NETOS DE ALUGUEL: UMA EXPERIÊNCIA COM IMIGRANTES DIGITAIS

Daniel Lucas Ribeiro de Araujo¹
Flávia Alessandra Almeida Alves²
Hélida Naara Fernandes Queiroz³

INTRODUÇÃO

Durante a segunda guerra mundial, o mundo passou por diversas transformações, dentre elas a criação de novas tecnologias para uso durante o período. Desde então essas tecnologias foram crescendo e evoluindo, até que nos anos 90 chega às escolas por meio da LDB (Leis de Diretrizes e Bases) no ano de 1990 como parte do ensino na rede pública. Sendo assim, as pessoas nascidas antes desta data, não tiveram total acesso a este recurso da educação básica, sendo entendidas através do termo criado por Prensky (2001) denominando essas pessoas como “Imigrantes Digitais”.

O termo "Netos de aluguel" foi pensado para ser usado como um jargão na execução do TCC (trabalho de conclusão de curso). Os fatores ocorreram partir de ideias que adquirimos de orientar pessoas sem formação e conhecimentos sobre as máquinas digitais. Pessoas essas que são denominadas como "imigrantes digitais". As mesmas enfrentam diversas dificuldades em seus dias, alguns educadores sofrem por não manusear ou conhecer o avanço da tecnologia e suas máquinas, levando a ficar ultrapassado e aprisionados em quadros, papéis e canetas. Sendo assim reconhecidos pelo nosso trabalho de auxiliares de imigrantes digitais comparando-se com um ente próximo que já nasceu na era dos computadores, sendo os imigrantes digitais, e nós os netos, pessoas nascida na era dos computadores (Nativos digitais); tendo em vista que o presente trabalho não necessariamente executa-se com familiares próximos, pode-se utilizar o termo “Netos de Aluguel”. A tecnologia nos traz a facilidade de pesquisas, ideias e soluções de seus problemas encontrados no dia a dia. Nossa função é, incluir esses imigrantes digitais na sociedade atualizada em que vivemos, expandido conhecimentos e interação de máquina e humanos.

O presente trabalho objetivo construir com pessoas de pouco estudo e conhecimento nas áreas tecnológicas e que estejam na faixa etária acima de 50 anos. Como pais de alguns colegas de classe que desejam aprender e fazer uso de tecnologia em seu dia-a-dia. Tendo eles em nós netos de aluguel, jovens que ajudam pessoas de mais idade a se integrarem no mundo da tecnologia de forma útil. Também visamos apresentar aos imigrantes digitais a usabilidade e automações de atividades cotidianas, como o uso de redes sociais para comunicação ou de automações simples como digitação. Mostrar a importância do uso de equipamentos digitais e como o uso dos mesmos se faz importante em seu cotidiano através de demonstrações e explicações específicas. Auxilia-los no processo de aprendizagem do uso das tecnologias no dia-a-dia dos imigrantes digitais. Trazer a luz a importância da relação Humano Computador para os imigrantes digitais através das aulas do minicurso.

¹ Discente do Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria Rodrigues Gonçalves – RN, lukkaskribero@gmail.com

² Discente do Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria Rodrigues Gonçalves – RN, flavinhaalves557@gmail.com

³ Docente Orientador: Licenciada em Computação e Informática Pela Universidade Federal Rural do Semi Árido – RN, helidanaara.f@hotmail.com

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente trabalho será desenvolvido através da metodologia de pesquisa ação, que consiste em quatro fases, sendo elas: fase exploratória, fase de planejamento, fase de ação e fase de avaliação.

A fase exploratória consiste na obtenção de dados a respeito do público alvo a ser estudado e o que será necessário para realização desta pesquisa. No caso é analisado os dados do IBGE das pessoas com mais de 40 anos, pois é uma faixa etária que nos permite entender melhor o fator de não conhecimento tecnológico.

Em seguida planeja-se a realização de um minicurso, onde pessoas nesta faixa etária dentro da região já pesquisada, onde ao final do minicurso é apresentado um questionário a respeito das experiências dos mesmos.

Por fim usa-se da avaliação de dados hipotético-dedutiva, descartando inverdades e colhendo os resultados da melhor forma, como específica GIL:

Quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Para tentar explicar a dificuldade expressa no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se conseqüências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tentar tornar falsas as conseqüências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo procura-se a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la. (GIL, 2008, p.12)

Os resultados serão buscados através do método de pesquisa-ação, que traz resultados mais satisfatórios tendo em vista que é realizada uma pesquisa de modo ativo com o público pesquisado, como cita GIL 2008:

Tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa. Neste sentido distanciam-se dos princípios da pesquisa científica acadêmica. A objetividade da pesquisa empírica clássica não é observada. (GIL, 2008, p.31)

DESENVOLVIMENTO

Com a modernização das tecnologias, o mundo foi se atualizando, à medida que foram sendo criadas tecnologias tais como, computadores e smartphones, mais rapidamente do que muitas pessoas tem capacidade de acompanhar. Os anos 90 foi onde a potencialização dessas tecnologias digitais, onde os bancos já começavam a se integrar no mundo digital, como cita GONÇALVES:

Na época da virada da década de 1980/1990, os bancos estavam optando pela mudança da tecnologia que utilizavam em automação. Essa mudança se caracterizava por três pontos: padronização dos sistemas (hardware e software), integração das agências em rede on-line e utilização de autosserviço pelos clientes. Nos primeiros anos desta década já podemos observar as conseqüências dessa decisão: surgem agências totalmente automáticas, multiplicam-se os pontos de serviços e os quiosques tipo 24 horas e as agências completamente integradas são a regra e não a exceção. (GONÇALVES, 1994, p.80)

Essas novas tecnologias já citadas vêm facilitando e automatizando funções antes analógicas ou até mesmo manuais, como descreve Souza at all (2013, p.02) “uma época em que a pesquisa era feita em bibliotecas, enciclopédias, e não em sites de busca como o Google”.

“[...] a Internet nos permite interagir com pessoas a milhares de quilômetros de distância[...].” (Tedesco, 1995, p.12). Sendo assim, percebemos que a tecnologia da informação influenciou tal como muitas pessoas que nasceram antes da década de 90 não acompanharam seus conhecimentos com os avanços tecnológicos sendo denominados como “Imigrantes digitais”, como descreve Prensky (2001, p.02). Os da primeira geração são pessoas que

nasceram antes do grande “boom” das tecnologias ao redor do mundo e da internet, em seu tempo as coisas eram de forma manual, não possuindo a praticidade que temos hoje, exemplifica o autor dizendo que antes as pesquisas eram feitas em bibliotecas, enciclopédias, não existiam facilitadores como hoje temos o Google e outras várias plataformas de pesquisa digital. Denomina-se essas pessoas como Imigrantes digitais

[...] representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital.. (PRENSKY, 2001, p.01)

No mundo moderno, é necessário que muitos tenham acesso à educação a respeito do mundo digital. Prensky (2001, p.02) salienta que, mesmo que os imigrantes digitais consigam se infiltrar de certa forma no meio digital, nunca terão a mesma mentalidade de uma pessoa nascida durante o ápice das tecnologias, o autor também afirma que os Imigrantes Digitais aprendem uma nova linguagem para se adaptar ao ambiente permanecem com resquícios de um aprendizado tardio, um “sotaque” diferenciado.

Há centenas de exemplos de sotaque de imigrante digital. Entre eles estão a impressão de seu e-mail (ou pedir a secretária que o imprima para você – um sotaque ainda “mais marcante”); a necessidade de se imprimir um documento escrito do computador para editá-lo (ao invés de editá-lo na tela; e trazer as pessoas pessoalmente ao seu escritório para ver um web site interessante (ao invés de enviar a eles a URL). Tenho certeza de que você consegue pensar em um ou dois exemplos sem muito esforço. Meu exemplo favorito é “Você recebeu meu e-mail” pelo telefone. Aqueles de nós que são Imigrantes Digitais podem, e devem, rir de nós mesmos e de nosso “sotaque”.(PRENSKY, 2001, p.02)

Pode-se perceber esse sotaque na forma em que um imigrante digital manuseia um teclado, os dedos de um nativo percorrem com rapidez um teclado de um smartphone ou de um computador, já os imigrantes o fazem vagarosamente cursando e olhando letra por letra afim de finalizar um texto ou uma frase.

Muitos imigrantes digitais possuem mais de 50 anos, a maioria constitui família e netos que são nativos digitais e tem pleno conhecimento e capacidade de instruir seus avós, porém por muitas vezes haver desentendimentos, os mesmos não se sentem à vontade ensinando seus parentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho ainda não foi totalmente finalizado, as oficinas ocorreram nos dias 21 e 22 de Outubro no Laboratório de Informática do CEEP Professora Maria Rodrigue Gonçalves em Alto do Rodrigues – RN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Palavras-chave: Imigrantes Digitais; Nativos Digitais, Netos de Aluguel.

REFERÊNCIAS

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants Part 1. **On The Horizon**, [s.l.], v. 9, n. 5, p.1-6, set. 2001. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/107481201110424816>. Traduzido por: Roberta Moraes Jesus de Souza.

TEDESCO, Juan Carlos. **El nuevo pacto educativo**. São Paulo: Ática, 2001. Traduzido por: Otacílio Nunes.

SOUZA, Marcos de; CORREIA, Vasti Gonçalves de Paula; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. O real nativo e imigrante digital nas redes sociais digitais. **Interscience Place**, [s.l.], v. 1, n. 24, p.01-25, 27 mar. 2013. Interscience Place. <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/2401>.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.a., 2008.